

Contos da desigualdade: desafios culturais da permanência estudantil dos estudantes do ProFIS

Tales of inequality: cultural challenges of student stay of ProFIS students

Cuentos de la desigualdad: desafíos culturales de la permanencia estudiantil de los estudiantes del ProFIS

Lucas Buscaratti¹

Isabella Manfrim Teixeira²

Resumo: O texto explora os impactos das desigualdades culturais na educação dos estudantes do Programa de Formação Interdisciplinar Superior. Aprofundamos experiências pessoais e vicárias vividas pelos estudantes do programa após ingressarem na universidade, argumentando que as diferenças culturais persistem, gerando situações sociais complexas, mas que podem servir de reflexão a partir da ótica de Bourdieu. A crítica levantada pelas histórias relata a perpetuação das relações de produção que sustentam o sistema capitalista por meio de uma perspectiva cultural e educacional, sendo o acesso ao ensino superior uma forma de compreender a realidade social vivida. Como observação, os autores dos contos não necessariamente viveram todos eles, mas foram ouvintes de algumas dessas histórias contadas.

Palavras-chave: Capital cultural; ProFIS; Narrativas.

Abstract: The text explores the impacts of cultural inequalities on the education of students in the Interdisciplinary Higher Education Program. We delve into personal and vicarious experiences lived by the students after entering the university, arguing that cultural differences persist, creating complex social situations, which can serve as points of reflection from Bourdieu's perspective. The critique raised by these stories highlights the perpetuation of the relations of production that sustain the capitalist system through a cultural and educational lens, with access to higher education being a way to understand the social reality experienced. As a note, the authors of these stories did not necessarily live through all of them, but were listeners to some of the recounted experiences.

Keywords: Cultural capital; ProFIS; Narratives.

Resumen: El texto explora los impactos de las desigualdades culturales en la educación de los estudiantes del Programa de Formación Interdisciplinaria Superior. Profundizamos en experiencias personales y vicarias vividas por los estudiantes después de ingresar a la universidad, argumentando que las diferencias culturales persisten, generando situaciones sociales complejas, que pueden servir como reflexión desde la óptica de Bourdieu. La crítica planteada destaca la perpetuación de las relaciones de producción que sostienen el sistema capitalista desde una perspectiva cultural y educativa, siendo el acceso a la educación superior una forma de comprender la realidad social vivida. Como observación, los autores de estos relatos no necesariamente vivieron todos ellos, sino que fueron también oyentes.

Palabras clave: Capital cultural; ProFIS; Narrativas.

¹ Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas.

² Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

Conto de introdução

Lembrai-vos também que na luta contra o Homem não devemos ser como ele. Mesmo quando o tenhais derrotado, evitai-lhe os vícios. Animal nenhum deve morar em casas, nem dormir em camas, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro, nem comerciar. Todos os hábitos do Homem são maus. E principalmente, jamais um animal deverá tiranizar outros animais. Fortes ou fracos, espertos ou simplórios, somos todos irmãos.

George Orwell, 2007, p. 15³

Dois pesos e duas medidas de um protesto estudantil

Buscaratti, L. I.

No ano que entrei na UNICAMP, em 2016, passei por 3 meses de greve; uma greve difícil e bem agressiva. Desde então nunca vi uma reitoria tão complexa de lidar, o que levou o movimento estudantil a adotar diversos métodos de protesto, e um deles foi o Pula Catraca, no qual os integrantes do movimento bloquearam o giro das roletas do restaurante universitário e os que queriam passar, precisavam pular. Durante um desses momentos, estava conversando com outras pessoas na fila sobre a manifestação enquanto esperava minha vez de pular, e rindo comentei “Ah, nessas catracas aí é bem mais fácil de passar por baixo” e um outro ingressante, advindo do vestibular me respondeu “Ué, mas você já pulou catraca antes de entrar aqui?”. Fiquei um pouco curioso e respondi “Ué, a do ônibus é fechada embaixo né?”, e fui surpreendido com “Ah, não sei, nunca andei”. Um pouco desconcertado, sorri amarelo e refleti em silêncio “Ele nunca andou de ônibus!”. Perguntei se ele morava perto da UNICAMP e ele disse “Moro há uns 5 minutos, como venho de carro é bem rapidinho”, respondi com leveza para não estender mais a situação “Que legal”, e fiquei um pouco sem energia para continuar o assunto. Naquela mesma manhã, um colega do ProFIS me disse que para chegar para a aula que começava às 8h da manhã, precisava acordar às 4h15 e, por ficar estudando aqui até após o término das aulas às 18h, por não ter internet em casa, chegava em sua residência lá pelas 22h30. Esses horários ressoaram em minha cabeça até o final do meu almoço. No fim, a catraca foi apenas um instrumento; um instrumento que nos triangula com uma desigualdade, e ao ver a catraca nós dois evocamos sentimentos diferentes, memórias

³ A Revolução dos Bichos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

afetivas diferentes, mas que não deixam de refletir o ambiente social e cultural que vivemos e suas diversas injustiças sociais.

Após estar matriculado como aluno da UNICAMP, acreditei que as condições estruturais iriam mudar, afinal, depois de tantas dificuldades para estar aqui, já dentro não terei que lidar com outros esforços que não sejam no âmbito do meu curso e em minha futura graduação. Erro meu, estava sim me deparando com um mundo novo, mas não completamente diferente daqui de fora, agora com outros zelos, outras atividades e outras caras, mas ainda refletindo as relações de poder de uma sociedade capitalista.

Neste texto, abordamos contos retratados por estudantes do ProFIS, sendo esses vividos ou ouvidos pelos autores, relatando uma complexidade desconfortável definida pelas desigualdades culturais, sendo estas entre eles e os estudantes da graduação, ou ainda com os próprios colegas de turma. Disparidades culturais podem dividir e favorecer grupos específicos de alunos mesmo que estejam na mesma sala de aula com os definidos desfavorecidos, na qual os primeiros possuem diversos pontos de vantagem nos requisitos acadêmicos em relação aos outros estudantes que não tiveram um suporte cultural mais consistente em suas trajetórias. Esperançosos, chegam à Universidade crendo na força de aceitação da diversidade e luta pela equidade dos direitos, mas acabam se deparando com encontros e desencontros complexos refletidos pela estrutura da sociedade, afinal, a UNICAMP não está fora dessa. Sob a ótica do sociólogo francês Pierre Bourdieu, abordamos alguns contos que podem exemplificar alguns conceitos desse autor, propiciando uma breve reflexão acerca das situações descritas e criando conexões desses episódios com as ideias teóricas Louis Althusser e Paulo Freire.

Outros contos

A ilusão do não pertencimento

Manfrim-Teixeira, I. V.

Conversando com várias pessoas e ouvindo seus relatos, eu vivi algo um tanto comum ao longo da minha vida escolar na educação básica: sempre fui considerada a “melhor” aluna da turma por onde quer que eu passasse. Ser a melhor aluna nem exigia tanto esforço assim, pois geralmente era só fazer o que era solicitado pelos professores: não conversar durante suas explicações, fazer perguntas e tirar notas boas nas avaliações. Assim, ingressar no ProFIS foi um choque para mim. Não bastava assistir as aulas e fazer as atividades, eu precisava

estudar antes, durante e depois das aulas se quisesse entender os conteúdos e isso não garantia um bom resultado nas avaliações. O primeiro semestre foi um rio turbulento de lágrimas e desespero, como se minha vida até ali tivesse sido uma farsa. Me sentia insegura em perguntar qualquer coisa, pois todos pareciam já saber aquilo. Desde os conteúdos básicos durante as aulas até questões sobre o funcionamento da UNICAMP. Lembro que durante uma das aulas de MA091 — Matemática Básica estávamos fazendo resoluções de exercícios e eu perguntei a um colega ao lado se ele sabia como resolver um dos exercícios e ele me respondeu dizendo: “Nossa, mas como você não sabe fazer isso?”. Fiquei me perguntando a mesma coisa depois desse dia: como era possível que vários colegas de turma vindos de escolas públicas como eu soubessem tanto sobre aquele universo até então inexplorado? Quando as aulas acabavam era como se minha mente estivesse em um turbilhão de informações que eu desconhecia: pessoas, autores, filmes, obras, teorias, fórmulas, o que era tudo aquilo que eu deveria conhecer? Por que todos estavam rindo sobre aquele comentário? Sentia vergonha por não entender todas essas coisas e pensei um milhão de vezes em desistir porque acreditava que não ia conseguir vaga em curso nenhum estando tão perdida quanto eu estava.

Felizmente meu caminho tomou um rumo diferente do que eu intencionava. Minha mãe me incentivou muito a continuar estudando e tentando até conseguir. Aos poucos fui me apropriando dos conhecimentos, dos comportamentos e das formas de ocupar aquele espaço e também fui me sentindo mais confortável para conversar com os colegas e fazer perguntas, sendo possível perceber que muitos deles se sentiam tão perdidos quanto eu e que poucos tinham informações sobre o ensino superior, e foram coletando-as conforme viviam o seu dia a dia. Também aprendi a aprender, algo que antes nunca tinha sido uma preocupação, pois bastava confiar na memória. Assim, aos poucos, fui me constituindo como parte do ensino superior e construindo meu próprio arcabouço de saberes, que por mais simples que pareçam, fazem toda a diferença na confiança que temos para viver a universidade sem ser engolido por uma falsa sensação de não pertencimento.

Por mais curioso que pareça, grande parte dos estudantes que ingressam no ensino superior, sendo esse para o ProFIS ou outros cursos, se advindos de escolas públicas, o aprendizado sobre como estudar e se organizar para o sistema escolar não é uma pauta. Infelizmente a transição do não conhecimento sobre e a criação de um hábito não tende a ser muito gentil, mas é necessária, e durante o percurso a crise de não pertencimento atinge em massa os estudantes do ProFIS e faz com que percamos diversos deles para a evasão ao longo da jornada. Todo esse domínio da habilidade de estudar precisa ser praticado com velocidade,

incorporando uma prática já abraçada anos antes por estudantes advindos de um ensino conteudista, que observamos serem provenientes, em muitos dos casos, de instituições de educação básica privadas.

Bourdieu (2015) traz consigo o conceito de três estados do capital cultural: o incorporado, o objetivado e o institucionalizado. O último estado, o incorporado, por vezes se apresenta claramente em situações cotidianas, e durante o ProFIS podemos notar diversas delas. Frequentemente observamos em colegas que ingressaram no ensino superior por meio do vestibular algumas diferenças: o desenvolvimento mais rápido nos esportes que já haviam tido contato antes, as habilidades no domínio das línguas estrangeiras, as facilidades com atividades artísticas que ficam retidas em grande parte no cenário dos jovens das classes dominantes como a pintura, a dança, o teatro e a música, e mesmo quando os estudantes das escolas públicas possuem acesso à fonte de conhecimento, no caso do ensino escolar, não são trabalhados de forma a proporcionar uma apropriação.

Este período dedicado nutrindo em si mesmo o aprendizado de algo novo, envolve tempo e majoritariamente também poder econômico, conferindo vantagens aos jovens das classes dominantes e até entre os nossos que possuem pais com acesso ao ensino superior. Essas desigualdades incorporadas abrem portas para uma prática de violência e inibição, já que a aquisição diferenciada do capital cultural entre os estudantes fortalece uma estrutura de poder, um poder não físico, mas cultural e simbólico, que sustenta a própria violência simbólica abordada por Bourdieu (1989).

Sendo assim, os estudantes do ProFIS quando ingressam no programa passam em sua maioria por um momento difícil, turbulento, e muitas vezes perdemos alguns nessa fase. Para lidar com a mudança de uma vida agora na Universidade, muitos abandonam empregos para tentar a carreira acadêmica colocando em risco a situação financeira de suas famílias — e somos gratos àqueles que instituíram que todos os estudantes do curso obrigatoriamente recebem bolsa e auxílio transporte, mas sabemos que em muitos casos o valor não é suficiente para suprir as necessidades de suas famílias —, encontrando nesse novo ambiente diversos universitários com realidades econômicas e culturais diferentes e toda a pressão dos saberes da academia na busca de um diploma.

Assim, com todos os fatores ocorrendo de forma concomitante, muitas vezes o estresse aumenta e, por sua vez, desanima os estudantes que pensam frequentemente em desistir. Entretanto, felizmente vários deles encontram forças para seguir com objetivo de passar pelas fases iniciais, muitas vezes pela influência de suas famílias que os motivam a continuar,

debruçando-se sobre os estudos tentando incorporar de maneira autônoma algo que não os foi ensinado; um capital cultural determinante dentro do mundo acadêmico, a maneira de aprender a aprender.

Dos cavalos e Tróias que encontramos por aí

Manfrim-Teixeira, I. V.

Para quem é de classe social baixa e estuda em escola pública durante a adolescência não é preciso pesquisa acadêmica para dizer que existe uma disparidade absurda quando comparamos o ensino que nós temos acesso ao ensino das escolas particulares. Nós crescemos ouvindo isso em todos os cantos: na escola, em casa, na rua, seja onde for, e de tanta repetição, para nós, isso se torna a verdade. Por conta disso, enquanto alunos do ProFIS inúmeras são as conversas que tivemos sobre a insegurança de estar na UNICAMP, pois ser o “melhor” aluno de sua escola pública e ter ingressado no ProFIS não significava nada após a matrícula realizada. Ali, naquele espaço acadêmico repleto de alunos de escolas de elite, nós não passávamos de alunos medianos — ao menos, essa era a sensação que percorria nossos corpos diariamente.

Apesar disso, muitos docentes e monitores sempre nos incentivaram a estudar e a perceber nosso valor como estudantes. Entretanto, nem todos tinham essa sensibilidade de, vendo nossas defasagens e dificuldades, compreender a nossa história e nos ajudar a superar os obstáculos apresentados. Um exemplo claro disso aconteceu em 2019, durante a disciplina LA083 — Leitura e produção de textos acadêmicos I. Como sua ementa explica, nela somos introduzidos “à leitura e à produção de gêneros prestigiados na esfera acadêmica, em suas diferentes áreas”⁴, e durante a disciplina foram produzidos diversos textos para colocar em prática o que discutimos. Nessa ocasião, uma das produções dos alunos, com a autorização do comitê de ética e deles, estava sendo usada para um estudo, e uma das alunas de graduação que estava auxiliando no seu desenvolvimento, indo contra os princípios éticos da pesquisa, fez diversas postagens no seu Twitter pessoal dizendo que os alunos ingressantes de 2019 eram “mais burros” do que o normal, pois estava trabalhando com as produções da turma de 2013 e percebia uma diferença nítida, o que a fez questionar se mesmo com um ano a mais de curso eles poderiam concluir sua formação no ProFIS e ingressar na graduação. Antes de serem

⁴ Disponível em: <https://www.dac.unicamp.br/sistemas/catalogos/grad/catalogo2019/coordenadorias/0025/0025.html#LA083>. Acesso em: 09 jan 2024.

apagadas, essas postagens infelizmente foram lidas pelos alunos e também por muitos que haviam ingressado no ProFIS antes deles, como nós que escrevemos os relatos. Quando o Representante Discente (RD) do curso entrou em contato com os responsáveis pela disciplina para uma retratação, a mesma foi feita por e-mail e compartilhada com os alunos pelo RD através do seu grupo no Facebook, na qual a aluna dizia que gostaria de se desculpar pelo desconforto causado, alegando estar sob muito estresse e afirmando que as produções que ela visualizou não continham os nomes dos alunos, portanto suas identidades não haviam sido comprometidas.

Após essa situação, reflito: será que as pessoas que estão conosco realmente estão conosco? Estudantes do ProFIS vivem há mais de dez anos um trabalho moroso de conceituar e dissertar sobre o programa a tantos professores e professoras da UNICAMP que não sabem ao menos da existência do programa. Sendo assim, os que nos escolhem, acreditamos que compreendem nossa realidade e nosso percurso até chegar na Universidade, mas também notamos que mesmo estes, que se colocam como facilitadores e educadores no curso, culpam os estudantes pelas próprias dificuldades. Evoco um filósofo que me deu diversas respostas para esses questionamentos, Althusser (2022), assim como Bourdieu (2015), que levanta suas ideias a caminho de uma educação que é responsável pela manutenção da hierarquia social que tanto aflige a liberdade e possível desenvolvimento dos jovens das classes mais baixas. Considerando o acúmulo de riquezas unido ao alto grau de instrução escolar, a classe dominante determina que para adentrar no espaço de convivência com seus representantes é necessário ser digno de seus pré-requisitos. É de ser óbvio o papel da escola em agir “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, assim como nos trás a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205 (BRASIL, 2016), mas considerando que o conteúdo trazido e trabalhado ainda sofre diretamente a influência da cultura dominante; o que é oferecido consiste em um conhecimento vivido no cotidiano pela burguesia, facilitando sua apropriação. E cá entre nós, é preciso refletir sobre o nível do poder de aceitação de um conteúdo que é oferecido compulsoriamente às nossas crianças desde sua primeira infância até sua quase maioridade com pelo menos quatro horas diárias e cinco dias por semana. Diante da oferta de uma ideologia densa e quase onipresente no desenvolvimento dos cidadãos é difícil possuir muita resistência, tendo a escola como um aparelho ideológico dos mais fortes e a classe dominante sendo reforçada nesse espaço que não só ela ocupa.

Os professores que se colocam no caminho desses estudantes, quando não possuem uma formação crítica consistente com a realidade dos educandos, servem como peões, fazendo se constituir as relações de produção presentes no capitalismo, oferecendo dentro da própria sala de aula oportunidades de desenvolvimento desiguais, favorecendo os que já possuem um determinado capital cultural coerente com o da classe dominante. São traços da burguesia, que podem ter sido adquiridos pelo ambiente que cresceram, mas que os colocam à frente dos outros por serem considerados dotados, enquanto os que ainda não o desenvolveram são fadados ao fracasso escolar pelos próprios docentes. Sem resistir ao sistema, esses professores definem os bons e os ruins, baseados em requisitos que nem podem oferecer a todos primeiramente, determinando o destino escolar de seus estudantes e sendo instrumentos da manutenção das relações de produção capitalistas.

A entrada na pesquisa, uma largada fragmentada

Buscaratti, L. I.

Mesmo após a conclusão do ProFIS, muitos alunos ainda mantêm vínculo com o curso, como por exemplo através do Programa de Apoio Didático (PAD), em que alunos da graduação atuam como monitores em disciplinas que já cursaram, ou mesmo o Programa de Educação Tutorial de Iniciação Científica (PETIC), iniciativa criada pelo Diretório Científico Interdisciplinar (DCI)⁵ para atribuir mentores aos estudantes do ProFIS, para auxiliá-los na busca por orientadores, para iniciarem um projeto de pesquisa na área que gostam, de modo que eles não se sintam inseguros e confusos durante esse processo e tenham que ficar pedindo ajuda para os veteranos que muitas vezes não têm todas as informações que eles precisam.

Como sempre atuo como monitor PAD do ProFIS e também sou mentor do PETIC, às vezes sou abordado para aconselhar sobre a vida acadêmica e a pós-graduação, algo que aprendi conversando com veteranos, pois meus pais não tiveram acesso ao ensino superior — meu pai concluiu o ensino médio e minha mãe não conseguiu, por conta de uma gravidez na adolescência —, logo, eu nunca tinha tido acesso a essas informações, situação que acontece também com muitos estudantes que me procuram para conversar sobre o tema. Assim, certo dia estava em uma das aulas que trabalho, e um estudante, advindo de uma escola técnica me

⁵ O DCI consiste em um diretório acadêmico formado por egressos do ProFIS de todas as áreas de conhecimento da UNICAMP, tendo seus membros se reunindo em equipes multidisciplinares e interdisciplinares para a realização de práticas que envolvem ciência e cultura na UNICAMP.

abordou, perguntando se eu conhecia um certo professor que ele tinha interesse em ser orientado. Após pontuar as coisas que sei sobre o docente, perguntei se ele tinha um mentor e se precisava de ajuda para entrar em contato com o professor, e no fim fui pego de surpresa com sua resposta: “Ah, tenho reunião com ele essa semana já”. O que superficialmente não parece nada demais, é muito impactante em comparação com meus outros mentorandos que, assim como eu, não vieram de uma escola técnica, os pais não possuem ensino superior, e não tinham nenhuma informação que os possibilitasse ao menos saber como escrever um e-mail para um docente para dizer que estava interessado em ser orientado por ele. Nós desejamos algo dentro da nossa expectativa social, mas se os meus mentorandos não conhecem essas coisas, como desejá-las? Como se mover em busca de um objetivo acadêmico? pensamos, Bourdieu (2015) coloca o papel do capital cultural da família nisso, e, mesmo que todas as pessoas nesse relato sejam provenientes de escolas públicas e façam parte do mesmo programa de inclusão, podemos notar como a mínima diferença entre uma escola pública de bairro e uma escola técnica pode colocar algumas pessoas bem à frente de outras.

Segundo Bourdieu (2015), o que encaro com certa dialética, as diferenças entre os estudantes de uma mesma turma e, hipoteticamente, a partir disso, também pertencentes a um mesmo grupo de renda, é determinada quase exclusivamente pela desigualdade cultural, em suma familiar, presente quando os pais possuem ensino superior ou tem contato com esse nível de formação por outros meios. O capital cultural oferecido pelas famílias permite com que o jovem em seu desenvolvimento tenha contato com diversas fontes de aprendizado e conhecimento que não as escolares, como exemplo o contato com diferentes estilos musicais, livros, conteúdo midiático, visita a museus, escolas de artes, entre outros saberes valorizados pela classe dominante, mas que favorecem fortemente a si mesmos na corrida dos dons pertencentes aos bons alunos.

Um estudante que chega à Universidade, muitas vezes realiza um curso de graduação que possui um papel de nivelá-los em capital cultural com os dotados, já que, exemplificando um curso como Letras, em que desfavorecidos estarão em contato com diversos teóricos e literatos pela primeira vez e serão estudantes regulares, desenvolvendo suas ideias a partir de um novo material. Porém, os que se destacam, demonstram aos professores do ensino superior reflexões profundas em suas análises, conexões bibliográficas com outros autores, utilização de oratória e escrita desenvolvidas em um campo mais formal, o que se torna muito mais propenso a acontecer pelo fato de terem tido um contato antecipado com os materiais fornecidos,

passando pelo processo que os desfavorecidos estão passando pela primeira vez, muitas vezes anos antes.

Conto de fechamento

Apaga a luz, acende a vela, das coisas que escutamos e das camisas que vestimos

Buscaratti, L. I.

Gente com garra, cheia de brilho nos olhos e com muitos sonhos pela frente. Assim encontramos os estudantes do ProFIS em seu primeiro semestre de UNICAMP, provando o gosto de algo que, para a maioria deles, não era possível. Para quem sabe de onde vem, lidar com seus pares das mesmas classes sociais nem sempre é tão diferente, afinal, a cultura atrelada aos ambientes de onde vieram permeiam a todos os seus advindos. Era olimpíadas, especificamente um torneio para calouros, chamamos de *Calouriadas*, e lá estávamos em uma partida de futsal, em que o time de ingressantes do ProFIS estava nos levando às semifinais, e lhe digo: com bastante destreza. Nos minutos finais do jogo, 2 x 0 para o ProFIS, falta! Jogávamos contra uma liga de estudantes das engenharias, os quais se preparavam para receber a cobrança do movimento. Ao se arrumar para o chute, o estudante do ProFIS posicionou a bola no chão, olhou para frente mirando o gol e respirou, pronto para o lance, e então, uma frase partiu no ar vinda do time adversário: “Vai! Chuta logo seu favelado!”. Nesse momento, o silêncio conseguiu seguir até os rápidos milissegundos para o processamento do significado da frase, e então o alvoroço se instalou.

Vejamos, uma torcida que recebeu um prêmio de melhor torcida do campeonato não está para brincadeiras, não para este tipo; endossaram seus gritos na defesa dos seus e dissiparam a concentração do jogo. Após uns dois minutos de tentativas de se acalmarem, o árbitro determinou a continuação da partida, afinal, segundo ele, não haveria provas de que os aspirantes a engenheiros lançaram a frase ao ar. Estudantes do ProFIS se apoiam com muita potência nesses momentos, mas lhe digo: lidar com pessoas que pertencem a outras esferas culturais exige resistência. O espírito do opressor é forte dentro dos que dominam e vagam entre os que querem dominar. Forte os que são do ProFIS e endossam a briga, repelem a violência disparada, não por ódio se considerarmos uma análise superficial da situação, mas na busca de que, em sua condição de oprimidos possam libertar-se na busca do que Freire (2021) diz, *ser mais*. Porém, claro, o acontecimento é apenas um caso isolado, dentro tantos casos isolados, e

certamente, não foi abafado pelo fato do árbitro ser membro da mesma liga das engenharias, não é? Vestimos assim a camisa antes do acontecimento e mantemos nosso grito de guerra “Apaga a luz, acende a vela, é o ProFIS, time de favela!”.

Essa situação nos mostra um pouco acerca das nossas relações com alguns estudantes e docentes da UNICAMP que encontramos ao longo do caminho. Quantas vezes não entramos em uma sala de aula e os professores soltaram frases como “Vocês deveriam ter visto isso no Vestibular” ou “Isso é conteúdo do cursinho”, “No ensino médio vocês estudaram isso?” Quantas vezes estivemos presentes em locais da UNICAMP com questionamentos como “É ProUni né?”, “Vocês estão em que ano do ensino médio?” ou ainda “Quando vocês entram na UNICAMP de verdade?”. Por outras vezes somos vetados de participações dos editais da Universidade e da posse das cadeiras de conselhos como qualquer outro estudante que pertence aos cursos de graduação. Assim, escrevemos com a esperança de que quando estiver lendo esse texto, algumas dessas coisas já tenham mudado, não por movimentos voluntários dos que podem fazê-los, mas à custa da luta diária desses estudantes, os quais estão longe de se contentar em fazer o mínimo, pois são conscientes de suas capacidades e não aceitam mais ficar relegados ao banco de reservas, são em sua essência radicais, de acordo com uma perspectiva freiriana

Para Freire (2021), a radicalidade não se trata de um informal sinônimo para fanatismo, e sim sobre estar enraizado em seus conceitos sem sectarismo, buscando sempre um embasamento racional e estruturado dos pensamentos. É de potente importância estar radical com a defesa dos oprimidos. Há os que acham que somos exagerados, que temos ódio em nossas reações, nos chamam de “meio bichos”, “sujeira”, “favelados”, “carentes”, “burros” e tantas outras coisas. Não desistimos, não paramos. Todos os anos entram mais 120 estudantes da rede estadual, compondo um curso de ensino superior contendo 100% de seus estudantes oriundos das escolas públicas, mesmo que ela esteja na mais longe das periferias da cidade de Campinas. Todos os anos seguimos produzindo ao menos 80 trabalhos de iniciação científica em todas as áreas sem exceção, os quais podem ser apreciados nos meses de dezembro em suas Mostras Científicas, organizadas por estudantes e concluintes de curso, junto à coordenação. Todos os anos escuto relatos de egressos do ProFIS destacando-se em suas graduações, doutorados diretos, prêmios de destaque em congressos, projetos e programas de extensão, atuação no programa PAD, cargos em entidades existentes e fundação de uma nova entidade exclusiva para egressos do programa, e agora sentando em cadeiras dos conselhos mais importantes da UNICAMP.

Como relata Paulo Freire (2021, p. 72):

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.

A guerra para a libertação dos oprimidos é um hábito. Às vezes perdemos as batalhas, mas não nos desanimamos para a guerra. Isso é um gesto de amor. Lutar pela libertação das pessoas começa pelo reconhecimento dos dominados e nos movimentos que farão para libertar os opressores, não haverá troca de papéis, a busca é pela não existência da dicotomia de poder, poder econômico, poder social, poder cultural. Não há gesto de amor maior pela humanidade do que lutar pela libertação, a caminho da jornada para *ser mais*, um processo de ontogenia social necessário, importante, e que está instigado em cada revolta, em cada resposta e em cada vitória que os estudantes do ProFIS conseguem, transgredindo as barreiras estruturais e desafiando as desigualdades culturais impostas.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. [Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

Sobre os autores e a autora

Lucas Buscaratti: Egresso do Programa de Formação Interdisciplinar Superior. Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas. *E-mail:* buscarattis.lucas@gmail.com

Isabella Manfrim Teixeira: Egressa do Programa de Formação Interdisciplinar Superior. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. *E-mail:* i218243@dac.unicamp.br

Recebido em: 28 jan. 2024

Aprovado em: 09 abr. 2024